

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil Class.: Amazonia / Geral  
 Data: 16/05/93 Pg.: 13 71

## Amazônia brasileira sob as águas

■ Enchente arrasa 90% da produção agrícola local

ORLANDO FARIAS

**M**ANAUS — O Amazonas, maior rio do mundo em volume d'água, está virando mar rapidamente em função da enchente deste ano, que inundou a maioria das várzeas (terras baixas) e já é considerada a terceira maior do século. A constatação de que o *Mar Dulce* (Rio Amazonas), como o definiu o conquistador espanhol Vicente Pinzón em 1.500, converteu-se em oceano, foi feita pelo próprio governador Gilberto Mestrinho, ao sobrevoar o estado e não conter o espanto.

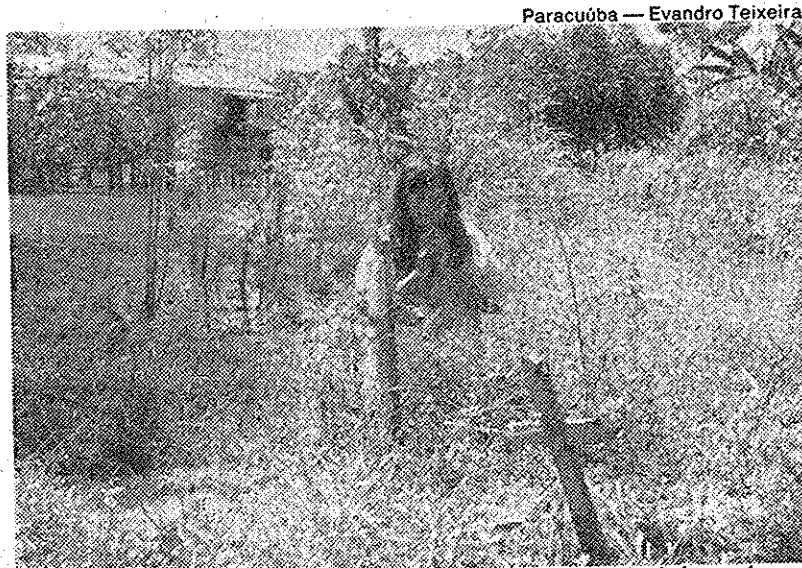
"O Amazonas virou um lago só, gigante," definiu, anunciando imediatamente que há calamidade pública decretada na maioria dos 1.567.953,7 km<sup>2</sup> da sua área territorial. Abaixo apenas 1,5m da grande enchente de 1953, cuja marca chegou a 29,69m acima do nível do mar, a subida das águas em 93 ainda vai continuar até por volta do dia 13 de junho.

Coincidindo no período e nos prejuízos com a seca no Nordeste, onde o flagelo é a falta d'água e não o contrário, ela arrasou 90% da produção agrícola no Amazonas, obrigando a Defesa Civil a distribuir cestas básicas para 250 mil desabrigados, incluindo os que se mudaram das várzeas para casas de parentes, enquanto governo e prefeituras abriram frentes de trabalho nas cidades para minimizar as perdas. "Como a Amazônia é uma grande várzea, ela está quase inteiramente inundada", ressalta Mestrinho.

O transbordamento do Rio Amazonas com seus impressionantes 1.100 afluentes e subafluentes já atingiu muitos pontos elevados na planície, onde tradi-



Dona Francisca Lima conhece os sinais do rio que indicam as cheias



Maria da Silva visita o tumulto do filho e confere o nível da enchente

cionalmente ficam localizados cemitérios, igrejas e prefeituras. Na região do Paracuúba, um pequeno braço de rio entre o Solimões e o Negro, por exemplo, o cemitério do povoado está debaixo d'água há dois meses.

Na falta de igrejas, ribeirinhos como Maria da Silva, de 51 anos, uma descendente dos índios Murras, utilizam o próprio cemitério para "suplicar que a alagação vá embora". Ela comparece todos os dias ao cemitério, religiosamente, para, além das preces, certificar-se

de que a força das águas não desenterrou o corpo de seu filho, que morreu há quatro anos num naufrágio.

Mais idosa e ainda mais experiente é a agricultora aposentada Francisca Rodrigues de Lima, de 78 anos, que aprendeu a prever como ninguém e com muitos meses de antecedência, as grandes cheias. "A gente sabe por causa dos sinais dados pelo rio", revela.

"Se o *aruá* (uma espécie de acarídeo) fizer a morada num galho bem alto, é porque a enchente vai *sê grande*", ensina.

■ No futuro, prosperidade em vez de fome

**N**em tudo é drama e desolação numa grande enchente do Amazonas. Ela também serve para fertilizar uma área maior de várzea. As terras ganham das águas elevadas taxas de sais minerais e matérias orgânicas. O governo sabe disso e já prepara um programa de distribuição de sementes e implementos agrícolas aos ribeirinhos.

"Teremos condições de consolidar uma boa safra agrícola para recompensar as perdas que a economia da região está contabilizando", diz o secretário de Produção Rural, Carlos Bessa. No futuro, o governo quer dominar com precisão o regime das águas na Amazônia porque sabe que os ciclos econômicos dependem dele. No momento, o instituto alemão Max-Planck pesquisa em convênio com o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) o comportamento da fauna sob o impacto das águas.

Os mistérios que ainda envolvem a subida e a descida das águas na maior bacia hidrográfica do mundo estão sendo estudados também pelo cientista do DNPA Bruce Fosberg, em convênio com a Universidade de Washington. Lançando um quinto de toda a água recebida anualmente pelos oceanos, segundo a arqueóloga americana Betty Meggers, o Amazonas pode ter minimizado nos próximos anos o impacto que exerce sobre a vida das populações ribeirinhas. E, em vez de morte e fome, as enchentes serão incremento da lavoura e da economia. (O.F.)